

//Sociedade



MARCHA LGBT NO PORTO PELA ADOÇÃO PLENA

Realizou-se ontem a 9.ª Marcha do Orgulho LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgéneros) no Porto. Esta edição destaca a luta pela adoção plena por casais de pessoas do mesmo sexo.



Marta, 18 anos, assexual, diz que nunca se sentiu "diferente"

DEFINIÇÕES

Assexualidade

Orientação sexual caracterizada pela ausência de atração sexual. Muitas pessoas assexuais estabelecem relações íntimas com outras (assexuais ou não) e sentem atração romântica.

Assexual

Alguém que não sente atração sexual. Alguns podem ter relações sexuais por outros motivos, que não a atração sexual.

Demisssexual

Pessoa que só sente atração sexual quando há forte ligação emocional com outra(s).

Grey-assexual

Pessoa que sente estar entre a assexualidade e outras orientações sexuais.

Orientação romântica

Padrão de atração afetiva assente no género da pessoa, usado por alguns assexuais para escolher os parceiros. Os aromânticos não sentem atração romântica.

REPORTAGEM Orientação sexual que se caracteriza pela ausência de atração sexual é “uma realidade de que não se fala” em Portugal. Há quem tente mudar isso. **Por** Carina Fonseca

A(s)sexualidade invisível

Marta, de 18 anos, é assexual. O termo, pouco conhecido em Portugal, designa alguém que não sente atração sexual. Há dois anos, quando pesquisava para um trabalho sobre representações de sexualidades nos media, encontrou o site da AVEN (The Asexual Visibility and Education Network). E um nome para “aquilo que sentia – ou não sentia”.

Não foi bem uma descoberta. Enquanto os amigos avaliavam alguém, na rua, em termos de atração física, isso nunca lhe ocorria. “Mas nunca me senti diferente, nem considerava que isso fosse um problema”, garante.

“Já tive alguma experiência sexual, senti estimulação física, mas não foi nada do ou-

tro mundo”, conta a jovem, que sente atração romântica por homens e mulheres, não estando, agora, numa relação. Ao JN, recorda: “Foi complicado com a minha namorada. Ela achava que o facto de eu não sentir desejo por ela tinha a ver com não gostar dela, ou não gostar tanto dela. Eu, simplesmente, não tinha interesse nisso e por vezes aquilo tornava-se entediante”.

“As pessoas assexuais vivem bem com isso, não há sofrimento associado. O que faz sofrer é a pressão da sociedade, a incompreensão completa. Elas conseguem viver relações igualmente fortes, comprometidas. A única coisa que não está presente é a questão do sexo”, explica a antropóloga Rita Alcaire.

“Há assexuais que têm rela-

ções sexuais e que se masturbam, mas não têm uma atração sexual dirigida para o outro”, prossegue Rita Alcaire, que está a fazer um trabalho de doutoramento em Direitos Humanos, no Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra, centrado nessa “realidade de que não se fala”. Pelo menos, cá, pois já existem comunidades de assexuais nos Estados Unidos, no Brasil ou em França.

Quebrar o silêncio

O doutoramento – orientado pela investigadora do CES Ana Cristina Santos, que se tem debruçado sobre temas como o género e a identidade – arrancou em outubro e estende-se por quatro anos. A ideia é que seja colaborativo. Rita Alcaire quer ouvir o

que as pessoas assexuais, em Portugal, têm a dizer. Quebrar o silêncio reinante sobre o tema. Um dos primeiros passos foi criar a página do Facebook “Assexuais em Portugal” que tem gerado reações positivas e negativas. “É necessário criar o hábito de ouvir o termo ‘assexualidade’, educar, explicar”, defende.

São muitos os mitos em torno da assexualidade, segundo a antropóloga. Que “é igual a celibato, a abstinência, ou seja, que é uma escolha”. Ou

“SEMPRE EXISTIU A ASSEXUALIDADE. MAS HOJE TEMOS UM CONCEITO”, DIZ INVESTIGADORA

“uma doença”. Também existe a ideia de que “ainda não se conheceu a pessoa certa”. E já houve, lá fora, as “chamadas violações corretivas”.

“As pessoas assexuais são frequentemente patologizadas por uma cultura que tem um entendimento muito estrito do que é a sexualidade humana. A tendência imediata é transformar aquilo que se desconhece em doença, utilizando argumentos sobre o que é ou não ‘natural’”, explica Ana Cristina Santos ao JN.

Sociedade impõe guião

“Parece-me bastante revolucionário assumir-se a assexualidade numa sociedade hipersexualidade. É uma revolução, porque questiona tudo aquilo para que estamos

formatados. Pode ser uma outra forma de viver a sexualidade”, afirma Rita Alcaire. A também documentarista planeia fazer um filme sobre o tema, focado “nas pessoas e nas suas biografias íntimas”.

Para Ana Cristina Santos, afirmar-se como assexual “não é necessariamente revolucionário, mas é seguramente desconcertante”. “Há uma expectativa social relativamente ao desenvolvimento da vida íntima e familiar. O guião não varia muito, desde o namoro à conjugalidade monogâmica, reprodutiva e, salvo fatores impeditivos (doença, por exemplo), ancorada numa vida sexual ativa”.

A investigadora do CES não duvida: “Sempre existiu a assexualidade. Mas hoje temos um conceito, um nome para pôr às coisas. Isso reveste esta identidade de renovada legitimidade, porque assegura a cada pessoa que não é caso único, que há redes, comunidades, blogs, trabalhos académicos, etc. Encontrar uma categoria que finalmente traduz aquilo que as pessoas já sentiam sem terem ferramentas discursivas para o expressar pode ser muito libertador”. ●

